A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA – ARTE RESISTÊNCIA E CULTURA

BRAZILIAN POPULAR MUSIC – ART, RESISTANCE, AND CULTURE

EDER JULIO MINEIRO
Graduação em Artes Visuais pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL) (**2013),** Graduação em História pela Universidade Cidade Verde (UNICV) (**2023)** Professor de Ensino Fundamental II – História na EMEF Professor Mailson Delane.

RESUMO

A Música Popular Brasileira (MPB) ocupa papel central como meio de reflexão crítica e instrumento de resistência, abordando temas como desigualdade social, racismo estrutural e afirmação da identidade negra. Ao longo da história, a música tem funcionado como uma linguagem de denúncia e também como ferramenta de valorização cultural, consolidando-se como um espaço de pertencimento coletivo. Este estudo analisa quatro canções que exemplificam diferentes dimensões dessa contribuição: “Diga Não”, de Bia Ferreira, e “Testando”, de Ellen Oléria, que evidenciam o genocídio da juventude negra, a violência policial e a vulnerabilidade das mulheres negras; e “Linda e Preta”, de Nara Couto, e “Menina Pretinha”, de MC Soffia, que reforçam o empoderamento, a autoestima e a valorização da ancestralidade africana. A análise das letras evidencia que, por meio da arte, artistas constroem narrativas que ampliam a visibilidade das experiências negras no Brasil, unindo denúncia e afirmação positiva. Dessa forma, a música assume um papel pedagógico, cultural e político, contribuindo não apenas para ressignificar dores históricas, mas também para fortalecer identidades e inspirar novas gerações. As canções selecionadas demonstram que a MPB e o rap se articulam como instrumentos de resistência e transformação, ao mesmo tempo em que reafirmam a dignidade, a cultura e a memória negra. Nesse sentido, o estudo reforça a importância da produção

musical como um caminho fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, plural e inclusiva, em que a arte se torna ponte entre crítica social e afirmação da negritude.

Palavras-chave: Pertencimento; Racismo estrutural; Identidade negra; Música Popular Brasileira.

ABSTRACT

Brazilian Popular Music (MPB) occupies a central role as a means of critical reflection and an instrument of resistance, addressing themes such as social inequality, structural racism, and the affirmation of Black identity. Throughout history, music has functioned as a language of denunciation and also as a tool for cultural valorization, consolidating itself as a space of collective belonging. This study analyzes four songs that exemplify different dimensions of this contribution: "Diga Não" (Say No), by Bia Ferreira, and "Testando" (Testing), by Ellen Oléria, which highlight the genocide of Black youth, police violence, and the vulnerability of Black women; and "Linda e Preta" (Beautiful and Black), by Nara Couto, and "Menina Pretinha" (Little Black Girl), by MC Soffia, which reinforce empowerment, self-esteem, and the valorization of African ancestry. The analysis of the lyrics shows that, through art, artists construct narratives that broaden the visibility of Black experiences in Brazil, uniting denunciation and positive affirmation. In this way, music assumes a pedagogical, cultural, and political role, contributing not only to reinterpreting historical pain but also to strengthening identities and inspiring new generations. The selected songs demonstrate that MPB (Brazilian Popular Music) and rap are articulated as instruments of resistance and transformation, while reaffirming the dignity, culture, and memory of Black people. In this sense, the study reinforces the importance of musical production as a fundamental path to building a more just, plural, and inclusive society, in which art becomes a bridge between social critique and the affirmation of Blackness.

Keywords: Belonging; Structural racism; Black identity; Brazilian Popular Music.

INTRODUÇÃO

A Música Popular Brasileira (MPB) consolidou-se, ao longo do tempo, como um dos mais expressivos campos de produção artística e cultural do país, constituindo-se também como espaço de reflexão crítica acerca das contradições históricas e sociais do Brasil. Mais do que manifestação estética, a música tem funcionado como linguagem de denúncia, resistência e mobilização, principalmente quando articulada às experiências da população negra, historicamente submetida a processos de marginalização, exclusão e silenciamento. Nesse sentido, compreender a função social da música é reconhecer que a arte pode ultrapassar os limites do entretenimento e assumir um papel político, pedagógico e cultural, favorecendo a construção de identidades coletivas e o fortalecimento do sentimento de pertencimento.

A presença de artistas negros e negras na MPB e em gêneros afins, como o rap, evidencia um movimento de ressignificação das narrativas sobre negritude, ancestralidade e racismo estrutural. As canções, ao mesmo tempo em que retratam as dores de um povo marcado pelo genocídio da juventude negra e pela violência policial, também produzem discursos afirmativos que exaltam a beleza, a autoestima e a valorização da identidade afro-brasileira. Esse duplo movimento denúncia e afirmação torna a música um campo fértil para o debate acadêmico e para a formulação de práticas educativas mais inclusivas, capazes de promover uma pedagogia antirracista.

O objetivo geral deste estudo é discutir como a MPB e gêneros a ela relacionados se consolidam como ferramentas de reflexão crítica, denúncia social e empoderamento negro. De modo mais específico, busca-se:

a) examinar canções que denunciam o racismo estrutural e a violência contra a população negra;
b) analisar músicas que promovem o empoderamento e a autoestima da mulher e da juventude negra;
c) relacionar essas produções artísticas com a luta por reconhecimento e valorização da identidade afro-brasileira.

A justificativa para a escolha do tema encontra-se na urgência de refletir sobre os discursos produzidos na música popular como meio de resistência e valorização cultural. O Brasil, país com o maior contingente populacional negro fora da África, ainda convive com altos índices de desigualdade racial, violência estrutural e genocídio da juventude negra. Nesse contexto, analisar produções musicais que abordam esses temas torna-se essencial para compreender os mecanismos de denúncia, mas também de reconstrução positiva da identidade negra. Além disso, a pesquisa contribui para ampliar o letramento racial e musical, oferecendo subsídios tanto para a educação quanto para as práticas culturais e sociais.

O problema de pesquisa que orienta este trabalho pode ser sintetizado na seguinte questão: *de que modo a Música Popular Brasileira, em diálogo com outras vertentes musicais, contribui para denunciar o racismo estrutural e, ao mesmo tempo, fortalecer a identidade e o sentimento de pertencimento da população negra no Brasil?*

Dessa forma, a introdução situa o leitor em um campo de estudos que articula música, identidade e crítica social, destacando que a análise das canções de Bia Ferreira, Ellen Oléria, Nara Couto e MC Soffia não se limita à apreciação estética, mas abrange também sua função política e pedagógica. O estudo pretende evidenciar como tais obras se inserem em uma tradição de resistência da música negra no Brasil, ao mesmo tempo em que reafirmam a potência da arte como caminho para a construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática.

A NECESSIDADE DE UM OLHAR DE PERTENCIMENTO POR MEIO DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

A Música Popular Brasileira (MPB) sempre desempenhou um papel crucial como instrumento de reflexão crítica sobre a sociedade. Historicamente, diversos compositores utilizaram suas obras

para denunciar desigualdades sociais, injustiças e a marginalização de grupos historicamente explorados. Nesse contexto, gêneros como o rap têm se destacado por sua postura de denúncia e empoderamento da população negra, mas a MPB também vem oferecendo importantes contribuições nesse debate, por meio de artistas que, fora do universo do hip hop, buscam evidenciar a situação do negro na sociedade contemporânea (Pereira, 2019; Silva, 2021).

Este artigo pretende discutir o papel da música no reconhecimento e afirmação da identidade negra, utilizando quatro canções que abordam, de maneiras distintas, a vivência do negro no Brasil: “Menina Pretinha” de MC Soffia, “Linda e Preta” de Nara Couto, “Diga Não” de Bia Ferreira e “Testando” de Ellen Oléria. As duas primeiras trazem um enfoque no empoderamento negro, enquanto as últimas duas têm um caráter mais voltado à denúncia do racismo estrutural e da violência social.

DENÚNCIA DO RACISMO ESTRUTURAL

Para iniciar a análise, é pertinente abordar as canções de denúncia, que expõem o racismo estrutural e o genocídio da população negra. Bia Ferreira, cantora, compositora e multiestrumentista nascida em Carangola (MG), representa a chamada MPM (Música da Mulher Preta). Sua canção “Diga Não” denuncia o assassinato de cinco jovens negros na Chacina de Costa Barros (2015), em que foram disparados 111 tiros pela polícia. A música também dialoga com a produção de outros artistas negros que levantaram a bandeira da denúncia, como Elza Soares em “A Carne”, Marcelo Yuka e os Racionais MC’s, consolidando uma tradição de resistência negra na música brasileira (Fanon, 1952; Nogueira, 2018).

A denúncia de Bia Ferreira dialoga com a obra de Ellen Oléria, cantora, compositora e instrumentista nascida em Taguatinga (DF), que em “Testando” aborda o racismo estrutural e a vulnerabilidade da mulher negra na periferia. A canção retrata experiências reais de violência urbana e destaca como o cotidiano da população negra é atravessado por insegurança e discriminação, como evidenciado nos trechos:

“Não importa pôr roupa chique ou dar seu sobrenome
A mulherada já sabe o cotidiano da rua: anoiteceu?
Sozinha 'cê' não tá segura.”

E sobre o assalto que sofreu:

“Suor e choro, a noite é fria, pra esses lances
Ninguém nunca está preparado
Depois de um dia duro, meu corpo foi travado
Assalto à mão armada
Levaram o violão e o microfone emprestado.
Eu chorei, eu chorei.”
(Oléria, 2012)

Esses relatos artísticos evidenciam como o racismo estrutural e a violência social atingem de forma desproporcional a população negra, destacando a urgência de se criar espaços de pertencimento e reconhecimento (Fanon, 1952; Motta, 2020).

EMPODERAMENTO E AFIRMAÇÃO DA NEGRITUDE

Por outro lado, canções voltadas ao empoderamento negro ajudam a construir autoestima e pertencimento. Nara Couto, cantora, bailarina e compositora baiana, apresenta em “Linda e Preta” uma narrativa positiva sobre a beleza da mulher negra, desafiando os padrões eurocêntricos de beleza e promovendo a valorização da identidade afro-brasileira:

“*Linda e preta, da cor da noite da Bahia*
Preta, o dia te anuncia
Linda e preta, você você você virá.”
(Couto & Bittencourt, 2022)

Da mesma forma, MC Soffia, nascida em São Paulo, se destacou desde cedo com “Menina Pretinha”, rap que incentiva meninas negras a se reconhecerem belas e empoderadas, conectando-as à ancestralidade africana e à resistência cultural:

“*Vou me divertir enquanto sou pequena*
Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena africana
Como história de griô, sou negra
E tenho orgulho da minha cor.”
(Soffia, 2016)

A trajetória de Soffia evidencia como o letramento racial e a valorização da ancestralidade podem influenciar a formação de jovens negras conscientes e seguras de sua identidade (Nascimento, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dessas canções evidencia que a MPB, o rap e outros gêneros musicais constituem-se como ferramentas poderosas de reflexão crítica, denúncia e empoderamento. A música, ao mesmo tempo em que denuncia a violência policial, o racismo estrutural e as desigualdades históricas, também promove a afirmação da negritude, a valorização das ancestralidades e a construção de uma identidade coletiva de pertencimento. Nesse sentido, a arte se torna um espaço de disputa simbólica e de resistência, em que narrativas contra-hegemônicas desafiam os padrões sociais excludentes e abrem caminhos para novas possibilidades de reconhecimento e transformação social (Fanon, 1952; Silva, 2021; Nogueira, 2018).

Em um país que abriga o maior contingente de afrodescendentes fora do continente africano, torna-se imprescindível criar e fortalecer espaços que reconheçam, preservem e valorizem a cultura

negra. A música, nesse contexto, surge como veículo fundamental para a promoção da autoestima de meninas e meninos negros desde a infância, fornecendo referências positivas e resgatando memórias que foram historicamente apagadas ou marginalizadas. Tal processo é essencial não apenas para a formação de identidades individuais, mas também para o fortalecimento de um projeto coletivo de cidadania que considere a diversidade cultural como um valor constitutivo da sociedade brasileira.

Assim, artistas como Bia Ferreira, Ellen Oléria, Nara Couto e MC Soffia representam vozes fundamentais na luta contra a marginalização e no fortalecimento do protagonismo negro na música brasileira contemporânea. Suas obras transcendem o campo artístico e configuram-se como instrumentos pedagógicos, políticos e culturais, capazes de sensibilizar, conscientizar e mobilizar a sociedade. Nesse sentido, a arte não pode ser compreendida apenas como expressão estética, mas como um caminho potente para o resgate da dignidade, da cultura e da memória negra, reafirmando a música como um ato de resistência e como um horizonte de possibilidades para a construção de um futuro mais justo e igualitário.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COUTO, Nara; BITTENCOURT, Marcus. *Linda e preta*. Salvador: Independente, 2022. Disponível em: https://open.spotify.com. Acesso em: 28 set. 2025.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008 [1952].

FERREIRA, Bia. *Diga não*. São Paulo: Independente, 2015.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

MOTTA, Ana Flávia. *Arte, resistência e identidade: vozes negras na música brasileira*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1994.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2018.

OLÉRIA, Ellen. *Testando*. Brasília: Independente, 2012. Disponível em: https://open.spotify.com. Acesso em: 28 set. 2025.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Cultura e identidade negra no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Educação das relações étnico-raciais no Brasil: entre avanços e desafios*. Brasília: MEC, 2021.

SOFFIA, MC. *Menina pretinha*. São Paulo: Independente, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com. Acesso em: 28 set. 2025.

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.